



## Na parede da memória: representações midiáticas da história de Taubaté-SP na imprensa

Eliane Freire de Oliveira<sup>1</sup>

Francisco de Assis<sup>2</sup>

### Resumo

O trabalho refaz alguns aspectos da história do município de Taubaté – localizado no Vale do Paraíba, interior de São Paulo –, por meio do acervo de mídia visual (fotografia) digitalizado pelo Museu da Imagem e do Som de Taubaté (Mistau). Parte-se da idéia de Kossoy (1989), que compreende as imagens como documentos da história, para a elaboração de uma leitura a respeito das características da cidade paulista. A metodologia se ancora em pesquisa qualitativa de imagens, que dá margem à interpretação dos signos que compõem as cenas registradas em 1.329 fotos analisadas e distribuídas em categorias. À guisa de conclusão, pode-se dizer que o acervo digitalizado do Mistau reflete aspectos singulares do patrimônio cultural, etnológico e humano do município, com ênfase para aqueles que identificam sua característica tradicionalista, como as igrejas, os clubes e as famílias, e que reforçam sua identidade rural, por meio do artesanato e das manifestações folclóricas.

**Palavras-chave:** Mídia visual; história; memória; Taubaté; representação midiática.

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Comunicação e professora do mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté. E-mail: eliane-freire@uol.com.br.

<sup>2</sup> Jornalista, professor do curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP) e doutorando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), mesma instituição na qual obteve o título de mestre. Vice-coordenador do Grupo de Pesquisa (GP) Gêneros Jornalísticos, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). e-mail: francisco@assis.jor.br.  
*Recebimento: 07/10/2012 • Aceite: 10/11/2012*

## On the wall of memory: media representations of history Taubaté-SP

### Abstract

The work retraces some aspects of the history of Taubaté - located in the Paraíba Valley, São Paulo - through the collection of visual media (photography) scanned by the Museum of Image and Sound Taubaté (Mistau). It starts with the idea Kossoy (1989), which includes images as documents of history, for the development of a reading about the characteristics of the city of São Paulo. The methodology is grounded in qualitative research of images, which gives rise to the interpretation of the signs that make up the scenes recorded in 1329 photos analyzed and divided into categories. In conclusion, one can say that the collection of digitized Mistau reflects the unique aspects of cultural, ethnological and human municipality, with emphasis on those that identify its characteristic traditionalist such as churches, clubs and families, and reinforce their rural identity through crafts and folklore.

**Keywords:** visual media, history, memory, Taubaté; media representation.

### Introdução

Fotografias podem ser compreendidas de diferentes maneiras: como recortes da realidade, como técnica capaz de fixar a imagem de um determinado momento, como espelho do mundo real, entre outras definições. O interessante, porém, é notar que, independentemente de qual seja sua classificação, a fotografia é um registro da história, que pode ser utilizada como fonte para reflexões, pesquisas e demais atividades.

Em qualquer um desses casos, observar um momento da história à luz da cena retratada em uma fotografia é a possibilidade de enxergar um contexto a partir dum ponto de vista, já que o retrato não consegue captar todos os ângulos e nuances do fenômeno evidenciado. No entanto, o “instante decisivo” captado por uma câmera fotográfica, para citar o fotógrafo Cartier Bresson, constitui-se em rico acervo de preservação da memória, cujo conteúdo pode ser legado por muitas gerações.

Também há que se destacar que uma imagem é elemento fundamental para o entendimento de fatos cotidianos, tendo em vista sua capacidade de ilustrar cenários, costumes, vestes e demais aspectos peculiares de uma determinada realidade. Como diz Kossoy (2001, p. 36), “toda e qualquer imagem contém em si, oculta e internamente, uma história: é a sua realidade interior, abrangente e complexa, invisível fotograficamente, inacessível fisicamente, e que se confunde com a primeira realidade que se originou”.

Partindo dessas idéias e de algumas outras que serão apresentadas no decorrer da discussão, este trabalho se propõe a estabelecer um diálogo entre mídia visual (no caso, a fotografia) e a história de Taubaté, município localizado no Vale do Paraíba, região que liga as capitais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Tem como objetivo principal destacar aspectos singulares da cidade, com ênfase para aqueles que identificam sua característica tradicionalista e que reforçam sua identidade interiorana.

Além do objetivo descrito, a reflexão também busca ampliar o debate em torno do fotojornalismo, defendendo a idéia de que tal prática não se caracteriza apenas pelo trabalho publicado pela imprensa (jornal, revista, Internet), mas configura-se como exercício relacionado ao registro do dia-a-dia.

Em termos metodológicos, a pesquisa adotou como referencial o método de pesquisa qualitativa proposto por Loizos (2002), para quem a fotografia pode servir como elemento desencadeador de memórias, cuja interpretação depende de uma leitura tanto das presenças quanto das ausências do registro visual. Assim, optou-se conjuntamente pela análise a partir dos conceitos de patrimônio cultural, etnológico e humano formulados pela Convenção de 1979 da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), para a categorização do material fotográfico.

Utilizou-se como objeto de análise o acervo digitalizado pelo Museu da Imagem e do Som de Taubaté (Mistau), órgão subordinado à Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico do município, compreendendo 1.329 imagens de registros pessoais e profissionais dos mais variados contextos.

### **Histórico do município de Taubaté**

A história do município Taubaté<sup>3</sup> confunde-se com a própria história do Vale do Paraíba, região em que está inserido. Isso porque, com seu nascimento, por volta de 1640, deu-se início ao período de povoamento das terras ao norte da Vila de São Paulo de Piratininga (ANDRADE & ABREU, 1996). Naquela ocasião, o sertanista Jacques Félix e seus

---

<sup>3</sup> A etimologia de Taubaté deriva dos vocábulos *taba* e *eté*, originados da língua tupi, que podem ser traduzidos como “aldeamento principal” ou “aldeia elevada”. Tal apontamento é fruto de estudos preliminares, compreendido como um consenso geral. Porém, outros estudos sobre sua toponímia identificam novas traduções, como, por exemplo, “a autêntica árvore de ferro” (G. MARTINS, 1973).

dois filhos, Domingos Félix e Belchior Félix, foram agraciados com a concessão de terras oferecidas por Dona Mariana de Souza Guerra, Condessa de Vimieiro e herdeira de Martim Afonso de Sousa.

O local, onde seria constituído o primeiro núcleo urbano às margens do rio Paraíba, era habitado por povos indígenas. A convite de Jacques Félix, a partir do ano mencionado, famílias que residiam no Planalto de Piratininga transferiram-se para as terras de Taubaté, que se tornou ponto de partida para o povoamento de outras cidades do Vale e núcleo irradiador dos bandeirantes, que partiam do local para desbravar a região das Minas Gerais (ABREU, 1991).

Em 5 de dezembro de 1645, foi fundada, oficialmente, a Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté. Como era exigência do governo colonial, para ser elevado à categoria de vila o povoado deveria possuir, necessariamente, uma igreja matriz, uma câmara e uma cadeia pública. Conforme relata Guisard Filho (1938), pouco tempo depois desse ocorrido, em 1674, foi inaugurado, na localidade, o Convento de Santa Clara, mantido pela Ordem dos frades franciscanos. Desde então, o templo religioso passou a participar ativamente do progresso local, exercendo forte influência no cotidiano da sociedade taubateana em seus mais variados aspectos, como educação e bem-estar social.

Sobre os fatos que marcaram a memória de Taubaté no século 17, Andrade e Abreu (1996, p. 21) destacam o seguinte:

Taubaté destacou-se na História nacional, como importante centro de atividades bandeiristas. Daqui partiram inúmeros bandeirantes – Antônio Rodrigues Arzão, Bartolomeu Bueno de Siqueira, Carlos Pedroso da Silveira, Antônio Dias de Oliveira, Tomé Portes Del Rei, dentro outros, que se tornaram os fundadores de muitas cidades, entre as quais, as conhecidas “cidades históricas” de Minas Gerais: Ouro Preto, Mariana, São João Del Rei, Tiradentes e Caeté, entre outras. [...] Foi um “taubateano” – o bandeirante Antônio Rodrigues Arzão – o primeiro a descobrir ouro (1693), oficialmente, na região que mais tarde passaria a se chama-se Minas Gerais, lembrando que, na época colonial, era considerado “taubateano” todo morador em Taubaté, e não apenas os nascidos no lugar.

No setor econômico, Taubaté também teve destaque no final do século 17, tornando-se uma das primeiras vilas a contar com uma Casa de Fundição de Ouro do Brasil. Logo em seguida, já no século 18, tornou-se o principal centro de abastecimento da

região mineradora, armazenando mantimentos que eram levados às minas por animais cargueiros.

Com o esgotamento das jazidas auríferas das Minas Gerais, deu-se início a uma nova era para a economia local. Prioritariamente, a produção e comercialização do café marcaram o novo tempo para a Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, pouco antes da metade do século 19. Todavia, antes do auge do surto cafeeiro, o povoado sobreviveu de uma “policultura rudimentar”, conforme descreve Abreu (1991), caracterizada pelo cultivo de víveres, tabaco, gado, galinhas etc. Além disso, intensificou a produção do açúcar em seus canaviais, preparando o cenário para o fortalecimento do cultivo do café.

Taubaté foi a primeira do Vale do Paraíba a alcançar a posição de cidade, em 5 de fevereiro de 1842, por meio de lei promulgada por José da Costa Carvalho, governador da Província de São Paulo. “Essa importante conquista para Taubaté antecedeu em poucos anos o grande surto cafeeiro vivido pelo município, a partir de meados do século XIX, que tanto trouxe progresso para a região” (ANDRADE, 1995, p. 8). O ciclo cafeeiro projetou o recém-criado município no rol dos grandes centros econômicos do Brasil. Em meados dos anos 1800, chegou a contar com 86 fazendas destinadas a esse cultivo, tendo, em 1854, alcançado a safra de 354.730 arrobas, ficando atrás apenas de outras duas localidades: Bananal, que contou com 554.600 arrobas, e Areias, com 386.094 (MÜLLER, 1965).

Andrade e Abreu (1996, p. 22) destacam que, nesse período, Taubaté se desenvolveu consideravelmente. Os autores citam que, na segunda metade do século 19, várias benfeitorias foram introduzidas na cidade, colocando-a em posição de vanguarda no cenário regional: “jornal (1861), estrada de ferro (1876), teatro (1878), bondes de tração animal (1884) e serviço de abastecimento de gás (1893)”.

Esse tempo de prosperidade econômica provocado pela produção agrícola também movimentou outros setores, como o comércio – que se diversificou e tomou novas proporções –, a educação – com a criação de educandários e centros destinados à formação de crianças, adolescentes e jovens<sup>4</sup> – e a própria vida cultural de Taubaté:

---

<sup>4</sup> Merecem destaque os colégios São João Evangelista (criado em 1862) e Nossa Senhora do Bom Conselho (1879), freqüentados por alunos da cidade de outras regiões, em regimes de internato e externato. A qualidade do ensino oferecido por ambos conferiu prestígio a Taubaté, tornando a cidade referência, na região, em termos educacionais.

Pelos registros em jornais da época (Hemeroteca da Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico de Taubaté), nota-se que a vida sócio-cultural se intensifica, com a vinda de companhias de teatro que se apresentam no teatro São João, além das apresentações das companhias locais. As corporações musicais “Filarmônica Taubateense” e “João do Carmo” participam ativamente de festas religiosas e profanas. Agremiações artísticas e litero-musicais ampliam as opções de lazer (ABREU, 1991, p. 37).

No final do século 19, mais precisamente no ano de 1900, a produção de café da cidade chegou a 600.588 arrobas, tornando-se a maior de toda a região valeparaibana. Essa é considerada, portanto, a época dos “Barões do Café”, expressão que faz referência à aristocracia que se formou em torno dos proprietários das fazendas cafeeiras, que gozavam de grande influência econômica, política e social em todo o território nacional.

Aquele período, realmente, foi extremamente positivo para os produtores da cidade. Porém, a super-safra acumulada nos anos seguintes tornou-se sinônimo de problema. Tanto é que, em 26 de fevereiro 1906, foi formalizado o “Convênio de Taubaté”<sup>5</sup>, iniciativa dos governos dos Estados de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais para solucionar as questões relacionadas a comercialização do café.

“O Convênio de Taubaté” teve o propósito de promover a valorização do produto, tanto no mercado nacional, quanto no comércio exterior; este plano havia sido apresentado pelo industrial paulista, Alexandre Siciliano, e inteiramente rejeitado pelo então Presidente da República, Francisco de Paula Rodrigues Alves, que embora fosse também paulista (natural de Guaratinguetá) e cafeicultor, era, no então, contrário à idéia de valorização “artificial” do café (ANDRADE, 1995, p. 9).

O convênio assinado nas dependências de um prédio de esquina entre as ruas Visconde do Rio Branco e Bispo Rodovalho, duas das principais vias de trânsito do centro da cidade, repercutiu sócio-economicamente em todo o Brasil e interferiu, inclusive, a esfera internacional<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Há algumas referências que citam o evento como “Convênio do Café”. Todavia, o nome “Convênio de Taubaté” é mais comum entre a maioria das fontes consultadas para este estudo.

<sup>6</sup> Segundo Andrade (1995, p. 9), o “Convênio de Taubaté” estabeleceu o seguinte: 1) fixação do preço mínimo por saca de café, entre 55 e 65 francos-ouro, para 60kg do tipo 7., no primeiro ano, podendo elevar-se até 70 francos; 2) pedido de empréstimo de 15 milhões de libras esterlinas, a ser tomado pelo governo federal e que contaria com um lastro da Caixa de Conversão a ser criada; 3) a Caixa de Conversão a ser criada desencadearia campanhas de propaganda e melhoria do produto, para enfrentar as dificuldades de exportação, a criação de uma taxa de 3 francos para cada saca de café exportada, para ser usada no pagamento dos empréstimos, a criação de uma

No decorrer do século 20, Taubaté entrou em uma nova fase econômica, desta vez relacionada ao surto industrial que se desencadeou nas primeiras décadas do período mencionado. Na verdade, dois estabelecimentos já haviam sido inaugurados no município nos últimos anos do século 19 (a Companhia de Gás e Óleos Minerais de Taubaté, em 1883, e a Companhia Taubaté Industrial, em 1891), mas foi em decorrência da “eclosão das guerras mundiais que incentivou as atividades industriais brasileiras” (ABREU, 1991, p. 46) que, conseqüentemente, acelerou o processo de implantação de indústrias na cidade<sup>7</sup>.

Contudo e sem dúvida, Taubaté começou a experimentar o progresso e um crescimento populacional após a implantação da Rodovia Presidente Dutra, em 1950, que a transformou – assim como outras cidades situadas à margem da estrada – em corredor de acesso às principais capitais do Brasil (São Paulo e Rio de Janeiro).

Já na segunda metade dos anos 1900, o município tornou-se o primeiro centro universitário do Vale do Paraíba, com a implantação da Universidade de Taubaté (Unitau), criada em 6 de dezembro de 1974 sob a forma de autarquia municipal. Naquela ocasião, concretizou-se um projeto de quase 20 anos que visou à unificação as escolas de ensino superior já existentes no município, tais como a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a Faculdade de Direito, a Faculdade Ciências Contábeis, a Faculdade de Medicina, entre outras (O ONTEM..., 2007).

Mesmo tendo evoluído em muitos aspectos, Taubaté ainda é considerada como tradicional e muitos preferem pejorativamente chamá-la de “conservadora” e de “provinciana” (COSTA, 2002, p. 46). Isso se dá pelo fato de a cidade manter alguns traços do passado ainda muito presentes em seu cotidiano e não se abrir para aspectos modernizadores que já fazem parte do cotidiano das demais cidades valeparaibanas, como é o caso de São José dos Campos, conhecida por ser um pólo tecnológico e industrial renovado, principalmente por abrigar a fábrica de aviões Embraer e o Centro Técnico Aeroespacial (CTA).

---

Caixa de Conversão, com a finalidade de estabilizar o câmbio em nível bastante baixo; a compra do excedente da produção cafeeira pelo governo federal, com o objetivo de manter o equilíbrio entre a oferta e a procura do produto no mercado e, por fim, incentivos à melhoria da qualidade com redução da quantidade da produção, para se evitar novas super-safras.

<sup>7</sup> Posteriormente, o município “perdeu” muitas indústrias para São José dos Campos, considerada, atualmente, como “capital” do Vale do Paraíba.

Visitar a história de Taubaté por meio de fotografias que preservam aspectos intrínsecos ao seu desenvolvimento é um convite para visualizar boa parte dos momentos relatados nestas páginas. Trata-se de uma leitura mais precisa dos acontecimentos, uma vez que contempla cenários reais captados por câmeras fotográficas e possibilita a reconstrução da memória do município. Além disso, válida a própria característica de documento histórico dessa mídia visual (KOSSOY, 1989), projetando-a como preservadora do patrimônio local.

### **O trabalho do Mistau**

A preservação da história do município é, desde 1975, responsabilidade da Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico, setor vinculado ao Departamento de Educação, Cultural e Esportes (DECE) da Prefeitura. Consiste, basicamente, no complexo administrativo que foi sendo formado, ao longo dos anos, pelos seguintes acervos: 1) Museu Histórico Professor Paulo Camilher Florençano; 2) Pinacoteca Anderson Fabiano; 3) Museu da Imagem e do Som de Taubaté (Mistau); 4) Museu do Transporte e da Tecnologia; 5) Arquivo Histórico Dr. Félix Guisard Filho; e 6) Hemeroteca Antonio Melo Júnior, além da Biblioteca Pública, que conta com acervo de mais de 55 mil livros.

Todos esses setores reúnem, cada qual em sua especificidade, importante acervo, composto de: antiguidades, obras de arte, livros raros, coleções completas de antigos jornais taubateanos (desde 1861), fotografias e documentos cartoriais (principalmente inventários e testamentos) que relatam a História de nosso município (ANDRADE, 1995, p. 11).

O acervo iconográfico coletado décadas a fio, bem como de vídeos e arquivos em áudio, é organizado pelo Mistau, órgão independente criado em 9 de dezembro de 1993 – por meio do Decreto nº 7.568 – e inaugurado oficialmente em 6 de setembro de 1995, que desenvolve contínuo trabalho de preservação da memória municipal, por meio de projetos focados que abrangem diferentes aspectos: a indústria, a educação, o mercado, a religião, a imprensa, os clubes, a imigração estrangeira, as velhas fazendas cafeeiras, entre outros.

A idéia de sua criação, conforme revela a coordenação do setor, foi ao encontro de um apelo coletivo de todo o Brasil para que não se deixasse que imagens e sons se

perdessem na poeira do tempo, sendo excluídas do rol de materiais que relatam a história. Para tal preocupação, a primeira resposta concreta surgiu em 1965, quando da criação do Museu da Imagem e do Som do Estado da Guanabara, o primeiro do gênero a ser instituído em todo o país. A partir de então, uma série de projetos de resgate da história brasileira, amparados por documentos imagéticos e por depoimentos gravados, foi sendo desenvolvida nas capitais e poucas cidades do interior, fato que projeta Taubaté na vanguarda da historiografia áudio-visual da nação.

O espaço físico do Mistau conta com sala de projeção que comporta até 84 pessoas, ilha de edição e equipamento de vídeo (digital e VHS), terminal de áudio para reprodução do conteúdo em áudio (como fitas K7, LPs e CDs), biblioteca e hemeroteca, além do acervo fotográfico. Aberto ao público para a apreciação do acervo, também possibilita aos pesquisadores a consulta e a reprodução de documentos, conforme especifica o Decreto nº 10.255, de 10 de maio de 2004.

Todos os museus da imagem e do som brasileiros trabalham numa mesma direção, ou seja, focados na preservação da memória com a utilização de recursos audiovisuais. Costuma-se dizer que é um “museu de hoje para o amanhã”, já que seu valor irá aumentar, gradativamente, conforme os anos forem passando e os conteúdos ora registrados se tornem, de fato, material histórico.

A filosofia de ação do Mistau tem como objetivo trabalhar de fato com a cultura viva de Taubaté e região valeparaibana, no sentido de aproveitá-la e de coletar o maior número de elementos representativos da vida regional contemporânea e passada, e formar um painel do processo dinâmico cultural do Vale do Paraíba para devolvê-lo à sociedade através de difusão permanente. [...] Nesse aspecto, temos cumprido todas as metas e propostas e propostas a que foi criado o Mistau, no tocante à sua singularidade regional.<sup>8</sup>

O acervo de 1.329 fotografias disponibilizado para esta pesquisa foi digitalizado de 1999 até fevereiro de 2008, sendo que tal processo é formado pelas seguintes etapas: limpeza, planificação, digitalização, catalogação e arquivamento. Trata-se de um trabalho que deve prosseguir, pelos próximos anos, até que o acervo completo de 18.000

---

<sup>8</sup> Trecho retirado do texto “Mistau – Museu da Imagem e do Som de Taubaté. Histórico”, disponibilizado pela diretoria do órgão, via e-mail, em 6 de março de 2008.

negativos, somado às fotografias positivas<sup>9</sup>, seja transportado para os computadores da instituição.

Responde pela direção do Mistau, atualmente, o coordenador Cláudio César Helvécio de Freitas. Além dele, fazem parte da equipe de funcionários a técnica em fotografia Shirley dos Santos e o relações públicas Felipe de Souza França.

### **Fotografia, registro da história**

Desde os tempos mais remotos, talvez – sem exageros –, registrar determinados acontecimentos, para legá-los a outras gerações, constitui-se em interesse do ser humano. Na Pré-história, por exemplo, o homem já reproduzia cenas de seu cotidiano nas paredes das cavernas e, embora haja diferentes explicações para essa ação (COSTELA, 1984), não restam dúvidas de que os desenhos serviam para comunicar fatos ocorridos naqueles locais.

Com o passar do tempo, os pintores também ofereceram suas contribuições ao registro da história humana. Movidos por uma verve artística e criativa, buscavam, com suas telas e demais obras de arte, representar o contexto em que viviam. Muitos deles tornaram-se ricas fontes de pesquisa para diferentes áreas, como é o caso do quadro *Monalisa*, de Leonardo da Vinci, que se tornou, no século 20, objeto para o estudo dos aspectos geográficos da Itália Renascentista<sup>10</sup>.

Quanto à fotografia, propriamente dita, desde sua invenção, por volta de 1828, assumiu papel inovador no ato de informar e de armazenar cenas cotidianas. Em pouco tempo, a técnica da fotografia se disseminou pela Europa e pelos Estados Unidos, por conta da possibilidade que tal técnica oferece à documentação de expressões culturais distintas, capaz de multiplicá-las pelo mundo afora. Em outras palavras, diferentes culturas se tornaram bem mais acessíveis. “O mundo tornou-se ‘familiar’ após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica” (KOSSOY, 1989, p. 15).

---

<sup>9</sup> O Mistau ainda não possui informações precisas sobre o número de fotos existentes no acervo.

<sup>10</sup> Considerações feitas pelo prof. Ms. Fábio de Oliveira Sanches, durante o 2º Encontro de Humanidades, promovido entre os dias 2 e 3 de maio de 2007 na Universidade de Taubaté.

Esse mundo “portátil” e “ilustrado”, descrito pelo autor citado, foi o que se salvou do perigo do esquecimento. Se, antes, momentos históricos e outros fatos corriqueiros só podiam ser “imortalizados” por meio de relatos textuais e/ou por pinturas que levavam meses – e até anos – para serem concluídas, após o apogeu da fotografia, esses instantes puderam ser registrados com muito mais facilidade, num período muito menor e em proporções significativamente maiores.

Diante dessas considerações, compreende-se, nesta discussão, que fotografias são testemunhos fiéis de uma cena, que carrega em si o espelho de um momento passado e a visão de mundo de seu autor (o fotógrafo). É, segundo Kossoy (1989, p. 33), “um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo em que é uma criação a partir de um visível fotográfico”.

O berço positivista no qual se originou a fotografia conferiu a ela o *status* de registro visual da verdade, tendo sido, com isso, adotada pela mídia. Nessa perspectiva, tornou-se a “mãe” das mídias audiovisuais e transformou-se em prática jornalística, conforme foi se adequando às condições da impostas pela imprensa.

As primeiras manifestações do que viria a ser o fotojornalismo notam-se quando os primeiros entusiastas da fotografia apontaram a câmara para um acontecimento, tendo em vista fazer chegar essa imagem a um público, com intenção testemunhal. Também seria uma questão de tornar a espécie humana mais visível a ela própria (SOUSA, 2008, on-line).

De acordo com Sousa (2008), foi por volta de 1842 que a fotografia começou dar os primeiros passos a caminho de uma configuração enquanto produto fotojornalístico. Para ele, é complexa a noção de fotojornalismo, devido aos múltiplos conceitos gerados em torno do tema. Isso porque alguns o vêem como a produtos divulgados exclusivamente em suportes midiáticos, enquanto outros a compreendem como qualquer fotografia que ilustre acontecimentos, sem que seu conteúdo tenha que ser impresso em um jornal ou em uma revista.

Na tentativa de esclarecer essa discussão, o autor apresenta dois sentidos que podem dar norte ao pensamento sobre o fotojornalismo:

a) Fotojornalismo (*lato sensu*) – No sentido lato, entendemos por fotojornalismo a actividade de realização de fotografias informativas,

interpretativas, documentais ou “ilustrativas” para a imprensa ou outros projectos editoriais ligados à produção de informação de actualidade. Neste sentido, a actividade caracteriza-se mais pela finalidade, pela intenção, e não tanto pelo produto; este pode estender-se das *spot news* (fotografias únicas que condensam uma representação de um acontecimento e um seu significado) às reportagens mais elaboradas e planeadas, do fotodocumentalismo às fotos “ilustrativas” e às *feature photos* (fotografias de situações peculiares encontradas pelos fotógrafos nas suas deambulações). Assim, num sentido lato podemos usar a designação fotojornalismo para denominar também o fotodocumentalismo e algumas foto-ilustrativas que se publicam na imprensa.

b) Fotojornalismo (*stricto sensu*) – No sentido restrito, entendemos por fotojornalismo a actividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista (“opinar”) através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. Este interesse pode variar de um para outro órgão de comunicação social e não tem necessariamente a ver com os critérios de noticiabilidade dominantes (SOUSA, 2008, on-line).

Adota-se, neste texto, o sentido *lato* descrito por Sousa, a fim de considerar as imagens catalogadas pelo Mistau como material de fotojornalismo. Parte-se do princípio de que o conteúdo digitalizado pelos funcionários do museu envolve questões técnicas e estéticas, além de informações de carácter histórico, servindo como documentação para aqueles que não estavam presentes em períodos pretéritos.

### **Reflexões acerca do material encontrado no Mistau**

De acordo com a proposta epistemológica de Loizos (2002), a análise de imagens pode oferecer um poderoso registo de ações temporais e de acontecimentos reais, em que pelo menos dois tipos de emprego metodológico podem ser sinalizados: 1) na documentação específica de mudanças históricas e 2) na obtenção de informações culturais/históricas implícitas em determinados cenários.

Com base nas definições oferecidas pela Unesco, utilizou-se a categorização de Patrimônio Cultural, Patrimônio Etnológico e Patrimônio Humano para isolamento das fotografias que compõem o corpus da análise.

A Constituição Brasileira de 1988 estabelece um conceito de Patrimônio Cultural em que estão arrolados os “bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se

incluem”, de acordo com o artigo 216: “I – formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico” (MINISTÉRIO...,1979).

Por sua vez, a definição de Patrimônio Etnológico engloba a riqueza e variedade dos bens móveis e imóveis descritos como Patrimônio Cultural, cujo valor universal do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico possa presumir um valor popular enraizado, associado diretamente ou tangivelmente a acontecimentos ou tradições vivas, com idéias ou crenças, considerando a contribuição do homem na alteração da paisagem natural (AGUIRRE apud J. MARTINS, 2008, on-line).

O Patrimônio Humano, por fim, pode ser definido como a existência de um testemunho único ou excepcional de uma tradição cultural ou de uma civilização ainda viva ou que tenha desaparecido, expressando a manifestação de um intercâmbio considerável de valores humanos durante um determinado período ou em uma área cultural específica, no desenvolvimento da arquitetura, das artes monumentais, de planejamento urbano ou de paisagismo, bem como dos reflexos sociais de uma época.

Na fase inicial desta pesquisa, foram localizadas, no acervo digitalizado do Mistau, 36 pastas com imagens relacionadas diretamente à história de Taubaté. Procurou-se obedecer, então, às subdivisões propostas pela equipe do museu como subcategorias de análise, conforme distribuído na Tabela 1.

**Tabela 1 – Categorias e subcategorias de análise**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Quantidade de imagens</b>
Patrimônio Cultural	• Artesanato	42
	• Cinemas	13
	• Clubes	8
	• Eventos	80
	• Folclore	38
	• Futebol	6
	• Monumentos	4
	• Museus	31
	• Música	11
	• Teatros	2

Categories	Subcategories	Quantity of images
Patrimônio Etnológico		55
	• Aéreas	54
	• Arquitetura	110
	• Aspectos	16
	• Casa Criança	35
	• Comércio	74
	• Fazendas	7
	• Gerais	6
	• Hospitais	87
	• Igrejas	14
	• Indústrias	46
	• Mercado	20
	• Município	59
	• Panorâmicas	57
	• Praças	40
• Religião	28	
Patrimônio Humano	• Breganha	27
	• Ervateiros	13
	• Famílias	80
	• Grupos	1
	• Internegativos	81
	• Padre Cícero	45
	• Personalidades	24
	• Revolução de 1932	108
	• Sociais	1
	• Tipos	6

Na análise qualitativa do objeto, observou-se que as imagens expressam o Patrimônio Cultural da cidade por meio de eventos e expressões artísticas ligadas à tradição musical, ao cinema, ao teatro, ao artesanato e ao folclore, bem como elementos que oferecem referência à identidade e à memória das formas de expressão social da época – como o futebol, por exemplo – ou aos espaços que abrigam as criações artísticas, as obras, os objetos e os documentos que descrevem a história da cidade. São expressivas nesse contexto as seguintes imagens: o trabalho em barro realizado pelas “figureiras de Taubaté”, grupo de artesãs cuja tradição é rica e reconhecida nacionalmente; as fachadas e interiores dos quatro cinemas que a cidade abrigou – Cine Palas, Cine Urupês, Cine São João e Cine Metrópole – e que não existem mais; o registro de eventos das mais diferentes naturezas, como inaugurações, festividades religiosas, acontecimentos sociais e até mesmo velórios e funerais, entre eles, o do escritor Monteiro Lobato; as apresentações folclóricas de Congadas, Folias de Reis, a “malhação do Judas” na Semana

Santa, em alguns bairros da cidade, e a visitação e exposição de presépios nas festas natalinas; os monumentos, como o Cristo Redentor e obeliscos em praças; as fachadas e acervos dos diversos museus, visto que o município de Taubaté é o que mantém o maior número de museus em todo o Vale do Paraíba; apresentações musicais e a fachada do antigo teatro da cidade.

Quanto ao Patrimônio Etnológico, que expressa os valores populares enraizados, associados a acontecimentos ou tradições vivas, desvendando idéias ou crenças, as imagens são ricas de detalhes ao revelar: as alterações promovidas na paisagem, nas fotos aéreas e panorâmicas da cidade; os riquíssimos estilos arquitetônicos adotados nas construções de diferentes épocas, como o barroco e até mesmo o gótico de algumas igrejas; o cotidiano da cidade, em variados registros das ruas, logradouros e cenários de concentração popular; as instituições de atendimento social, como a Casa da Criança, o Asilo de Idosos e os hospitais; o expressivo comércio e a influência das famílias imigrantes – como as libanesas, italianas e japonesas – no seu desenvolvimento; o acervo de fazendas, remanescentes dos ciclos do ouro e do café dos quais Taubaté participou amplamente, bem como os reflexos desses cenários na vida rural da região; e ainda os registros das obras e benfeitorias de infra-estrutura, como a construção de pontes, a canalização de córregos e implantação de tubulação de água e esgoto nos subterrâneos da cidade.

Também compõem o Patrimônio Etnológico, categoria que inclui a maior quantidade de registros: as imagens das inúmeras igrejas e capelas de Taubaté, não só revelando a riqueza de estilos arquitetônicos, mas principalmente a forte tradição religiosa da cidade; o cenário industrial do município em fins do século 19 e início do século 20, período em que Taubaté foi importante pólo têxtil nacional; as fotografias do Mercado Municipal e sua importância antropológica no contexto analisado; e ainda as praças, parques, ruas e avenidas características e reconhecidas como elementos marcantes na formação da identidade da cidade e de sua população.

Os reflexos sociais de diferentes épocas estão expressos nas imagens que compõem as categorias definidas como Patrimônio Humano, oferecendo a existência de testemunhos singulares das tradições culturais e de valores humanos, permitindo o desenvolvimento da cidade até sua situação atual e futura. São ricas por revelar: as

peculiaridades da Feira da Breganha, um evento tradicional e quase centenário de escambo e venda de produtos usados realizado nos arredores do Mercado Municipal aos domingos; o característico trabalho dos ervateiros, produtores e comerciantes de ervas e preparados, que utilizam a sabedoria popular no combate aos males que atingem a saúde; os registros de representantes das famílias tradicionais da cidade, benfeitores e colaboradores do desenvolvimento urbanístico, industrial, comercial e social de Taubaté; bem como as curiosas imagens desvendadas em internegativos, em diferentes momentos expressando reações subjetivas de anônimos em acontecimentos cotidianos, como num singelo passeio ao ar livre, numa aglomeração popular ou num evento esportivo.

A riqueza do Patrimônio Humano pode ser observada ainda nos seguintes registros: as manifestações de fé e devoção católicas expressas na obra do Padre Cícero de Alvarenga, o primeiro vigário do Santuário de Santa Terezinha, uma das mais expressivas igrejas de Taubaté; o acervo de retratos de proeminentes taubateanos e benfeitores da cidade, como o escritor Monteiro Lobato, o empresário e fundador da Companhia Taubaté Industrial Félix Guisard, a caridosa Dona Chiquinha de Mattos, o ator e cineasta Amácio Mazaroppi, o maestro Fêgo Camargo, entre outros; as valiosas fotografias captadas durante a Revolução Constitucionalista de 1932, de grande valor iconográfico por revelar o envolvimento dos taubateanos no conflito, o apoio popular à causa constitucionalista, o aparato militar da época, a emblemática campanha paulista, o dia-a-dia nas trincheiras e os reflexos políticos e sociais do evento; e, por fim, as imagens expressivas definidas na categoria Tipos em que se observam as peculiaridades da vida rural, no cotidiano do homem caipira, ligado aos valores da terra e da simplicidade do campo.

Assim, de acordo com a metodologia adotada, a análise qualitativa das imagens distribuídas nas diferentes categorias oferece um importante registro de ações temporais e de acontecimentos reais, em que podem ser observadas significativas mudanças históricas e sociais para a compreensão de informações a respeito da memória da cidade de Taubaté. Dessa forma, observa-se que o patrimônio imagético analisado é reflexo da sociedade que o produziu, fruto de variados contextos e situações culturais, políticos e econômicos proporcionados pela coletividade.

### **Considerações finais**

O acervo digitalizado e preservado pelo Mistau reflete aspectos singulares do patrimônio cultural, etnológico e humano do município, com ênfase para aqueles que identificam sua característica tradicionalista, como as igrejas, os clubes e as famílias, e que reforçam sua identidade rural, por meio do artesanato e das manifestações folclóricas.

Tal patrimônio imagético refaz aspectos da história do município de Taubaté, compreendendo as imagens como documentos historiográficos, em que a leitura aprofundada a respeito das características da cidade paulista dá margem à interpretação dos signos que compõem as cenas registradas. Manifestações folclóricas como a Feira da Breganha e o trabalho artesanal das figureiras, cenários urbanos e rurais de instigante atração, feições distintas e anônimas nas celebrações populares e instantes captados pelas lentes fotográficas compõem o rico acervo da narrativa passada, presente e futura da cidade.

Assim, é possível perceber o papel da fotografia como instrumento transformador da percepção e que toda imagem contém em si, oculta e internamente, uma história e sua realidade interior, abrangente e complexa, daí a importância de que esse acervo do Mistau seja mantido e ampliado, com a colaboração da sociedade, para que novos estudos tragam à tona olhares privilegiados sobre a riqueza da cidade, sua gente e sua trajetória.

### **Referências**

ABREU, M. M. **Taubaté: de núcleo radiador de bandeirismo a centro industrial e universitário do Vale do Paraíba**. Aparecida, SP: Santuário, 1991.

ANDRADE, A. C. A.; ABREU, M. M. **História de Taubaté através de textos**. Taubaté: Prefeitura Municipal de Taubaté, 1996.

ANDRADE, A. C. A. Resumo Histórico. In: BATISTA, L. C. (Coord.). **Taubaté aos 350 anos: 350º aniversário de elevação de Taubaté à categoria de Vila**. Taubaté, SP: Publicom, 1995.

COSTA, L. M. P. **Vozes dissonantes na imprensa do interior**: a produção e a recepção do jornal “A Voz do Vale do Paraíba”. 2002. 139 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, 2002.

COSTELA, A. **Comunicação**: do grito ao satélite. 3. ed. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 1984.

KOSSOY, B. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

GUISARD FILHO, F. **Jacques Félix**: achegas à história de Taubaté. São Paulo: Athena, 1938.

MARTINS, J. C. O. **Patrimônio cultural e identidade**: significado e sentido do lugar turístico. Disponível em: <[http://www.proximodestino.com.br/index.php?option=com\\_noticias&task=view&id=224&tipo=artigo](http://www.proximodestino.com.br/index.php?option=com_noticias&task=view&id=224&tipo=artigo)>. Acesso em: 5 abr. 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Patrimônio histórico e artístico nacional**: Legislação brasileira de proteção aos bens culturais, 1979.

MÜLLER, N. L. Taubaté: estudos de geografia urbana. **Revista Brasileira de Geografia**, ano 27, n. 1, jan./mar.1965

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 137-155.

O ONTEM e o hoje em harmonia. **Uma nova visão de Universidade**, Taubaté, SP, ano 1, nº 1, p. 12-15, 2007.

SOUSA, J. P. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Disponível em: <[http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-historia\\_fotojorn1.html](http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-historia_fotojorn1.html)>. Acesso em 10 fev. 2008.